

Resenha de livro

EMPOLI, Giuliano da. Os engenheiros do caos. São Paulo: Vestígio, 2019. 190 páginas.

DOI: <https://dx.doi.org/10.26694/2764-1392.685>

Agnello Rufino da Silva Junior¹

Alessandra Lavor Passos Rufino²

Danilo Rodrigues Guedes³

Resenha recebida em 7/12/2020. Aceita em 7/5/2021.

A obra intitulada *Os engenheiros do caos – como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*, de autoria do italiano Giuliano da Empoli. Publicado pela Editora Vestígio, em 2019, e traduzido para o português por Arnaldo Bloch. Seu título original se apresenta como *Les ingénieurs du Chaos*.

Giuliano da Empoli é cientista político, nascido em Paris em 1973, ex-aluno do *Institut d'études Politiques*, de Paris, foi secretário de Cultura da cidade de Florença e conselheiro político de Matteo Renzi, ex-primeiro ministro italiano. Atualmente vive em Paris e dirige o grupo de pesquisa “Volta”, com sede em Milão, na Itália. É autor de várias obras sobre política.

O livro lança uma proposta de explicação sobre os fenômenos políticos, que ocorrem em todo o planeta na atualidade, em que grupos se apossam do poder político central das nações mais importantes do mundo, utilizando, como ferramenta básica, informações falsas (*fake news*), baseadas em algoritmos computacionais que catalisam teorias de conspiração, sentimentos de medo nas pessoas, ódio entre partidários políticos, confusão mental na população e o convulsãoamento social.

¹ Mestre em Administração e Controladoria pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do curso de Administração na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: agnellojunior@ufpi.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9448-1658>

² Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

E-mail: alessandralavorpassos@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1871-3394>

³ Mestre em Gestão Pública pela UFPI. Administrador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). E-mail: daniloguedes@ifpi.edu.br ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2281-2117>

Para exemplificar esses fenômenos e seus efeitos, principalmente políticos, o autor disseca o *modus operandi* dos “agentes do caos”, demonstrando exemplos de estratégias utilizadas por candidatos e/ou governantes e os resultados alcançados. O foco principal da narrativa é a Itália, mas demonstra a atuação dos “engenheiros do caos” nos Estados Unidos, Hungria e Brasil.

A intenção do autor, na obra, é advertir sobre a ascensão de grupos extremistas ao poder central das nações como fenômeno mundial e atual. Para o autor, tudo isso não passa de um sofisticado jogo para conquistar e manter o poder, embora bastante maléfico para a população, assim como para as democracias.

A obra, de 190 páginas, se divide em seis capítulos sob a forma de narrativas, em que os personagens (“os engenheiros do caos”) vão surgindo, e suas ideias, bem como suas ações, vão sendo analisadas minuciosamente pelo autor. Embora a interação entre os personagens não seja explícita, o objetivo comum, a subversão social em nome de uma democracia participativa, vai ficando claro à medida que a leitura avança.

O primeiro capítulo, *O vale do silício do populismo*, apresenta a Itália como um laboratório de experiências políticas bem-sucedidas no século XX, e como o berço da revolta contra o *establishment*, após a queda do muro de Berlin (9 de novembro de 1989). Narra, ainda, a estadia de Steve Bannon em Roma. Empoli (2019) considera Bannon como um dos engenheiros do caos, por ter ligações com os movimentos populistas nos Estados Unidos e na Itália. Bannon ajudou a eleger Donald Trump nas eleições americanas, embora, em seguida, tenha sido demitido pelo mesmo, e viu na Itália um ambiente propício para o desenvolvimento de suas ideias populistas e libertárias contra a globalização e o “Partido de Davos” (remetendo à cidade suíça onde ocorre anualmente o Fórum Econômico Mundial).

O segundo capítulo, *A Netflix da política*, narra a parceria entre Beppe Grillo, um comediante italiano muito popular, por suas interpretações cheias de paradoxos, provocações e insultos, e Gianroberto Casaleggio, um especialista em *marketing* digital, que trabalhou por 30 anos na Olivetti, uma grande empresa de informática italiana. Casaleggio acabara de deixar a empresa e queria fundar a própria empresa de informática, a *Casaleggio Associati*. Ele entendeu que poderia, através da *internet*, revolucionar a política, captando a preferência dos eleitores-consumidores, mas para isso precisaria da paixão das interpretações do comediante Beppe Grillo. Com essa combinação, do populismo tradicional com o algoritmo, nasceria uma temível máquina política, com poder suficiente para fazer com que eleitores apoiassem medidas antidemocráticas.

Em *Waldo conquista o planeta* (terceiro capítulo do livro), o autor faz alusão a um pequeno urso digital azulado que aparece numa série da TV inglesa (*Black Mirror*) destratando os políticos quando estes estão frente a frente com o mesmo. Waldo utiliza toda sorte de palavrões e agressões pessoais contra suas vítimas. Consegue, dessa forma, atrair a atenção das pessoas e, vai mais além, nutrindo o sentimento de ódio de seu público contra o sistema político vigente, e contra políticos escolhidos como alvos. Dessa maneira, tenta desconstruir o discurso do “politicamente correto” tradicional. Essa política da cólera vai ser vislumbrada e utilizada como arma em diversos pleitos eleitorais, como nos Estados Unidos, na Europa e até mesmo no Brasil. O diferencial é que as campanhas difamatórias atuais são feitas através das redes sociais, utilizando-se equipamentos como os computadores e os *smartphones*.

No quarto capítulo – *Troll, o chefe* – o autor demonstra que é possível desconstruir o politicamente correto por meio de um conceito (*trollar*) retirado dos jogos (*games*) e dos jogadores (*gamers*), a partir da disputa de um jogo de guerra (*World of Warcraft*). O jogo foi lançado em Hong Kong no evento *Internet Gaming Entertainment*. No evento estava presente o olhar clínico de Steve Bannon, que conseguiu identificar o sentimento de ódio dos jogadores que tinham menos privilégios no jogo e, através disso, enxergou a possibilidade de trazer essa insatisfação para a política. Entra em cena Milo Yiannopoulos, um *gamer* que foi encarregado de recrutar um exército de *trolls* para, unidos ao candidato Donald Trump, combater o *establishment* norte-americano e elegê-lo presidente dos Estados Unidos. Os *trolls* se utilizam da mesma estratégia do urso Waldo para desconstruir a imagem dos adversários, mas com um diferencial – não basta simplesmente agredir verbalmente o oponente, sua imagem também deve ser colocada em dúvida perante o eleitorado. Para isso são usadas todas as informações colhidas sobre o opositor, sejam elas verdadeiras ou falsas. Os *trolladores* são caracterizados nas figuras de Donald Trump (exímio nessa arte) e Milo Yiannopoulos (o engenheiro do caos).

No quinto capítulo, *Um estranho casal em Budapeste*, entra em cena a figura de mais um engenheiro do caos – Arthur Finkelstein – que, utilizando o método do *microtargeting*, consegue fazer análises demográficas sofisticadas e identificar segmentos de grupos de eleitores, suas emoções e seus sentimentos, e, dessa maneira, trabalha as campanhas eleitorais de forma individualizada. Finkelstein utiliza, para a segmentação do eleitorado, seus *spins doctors* (espécie de assessores eleitorais) e, a partir das informações obtidas, passa promover sua máquina de desconstrução do adversário, através das *negative campaigns*. Com essa técnica, obteve êxito nas

campanhas eleitorais de Viktor Orban, na Hungria, Ronald Reagan, George Bush e Donald Trump, nos Estados Unidos, e Benjamin Netanyahu, em Israel, bem como de vários outros chefes de estado em países do Leste Europeu. O ponto forte de sua estratégia é o estímulo à xenofobia, com o ataque cerrado contra os imigrantes.

O sexto capítulo, *Os “físicos” e os dados*, dissecar o pensamento político de Dominic Cummings, diretor da campanha em favor do *Brexit*, que propaga que o progresso na política é muito mais vantajoso se forem contratados físicos ao invés de *experts* ou comunicadores. A justificativa é simples: a física consegue trabalhar com uma quantidade infinita de dados e identificar correlações dos comportamentos humanos, que a ciência política, a comunicação, ou mesmo o *marketing*, não conseguem, com a vantagem de poder criar modelos e desenvolver simulações, até que se esgotem todas as possibilidades para uma tomada de decisão. Uma ferramenta bastante poderosa quando a política está baseada em redes sociais, *likes*, compartilhamentos e a exposição em massa.

No capítulo da conclusão, *A era da política quântica*, Empoli (2019) deixa para o leitor que o mundo entrou em uma nova era, denominada de narcisismo de massa. Há um paradigma político no mundo que está sendo quebrado: a democracia representativa. Tal estrutura política é estereotipada como “uma máquina que foi concebida para ferir o ego dos viciados em *selfies*”. Pressupondo que há uma insatisfação quanto às formas político-representativas disponibilizadas pelas democracias mundiais atuais, pressupondo a grande interação social dos cidadãos, principalmente pela via digital, afloram os movimentos populares e nacionalistas. Nessa intersecção entram os algoritmos, que são desenvolvidos e instaurados pelos “engenheiros do caos” oferecendo a cada indivíduo a possibilidade de ser um rebelde contra o sistema imposto. Dá-lhes o que vem a ser a essência da democracia – a sensação de controle total de suas vidas – ao invés de serem simples figurantes no sistema político.

Em todos os cenários acima descritos atuam os “agentes do caos”, que criam realidades paralelas e legiões de apaixonados, que buscam vivenciar experiências de radicalização política, isolamento do espaço público e quebra de paradigmas sociais. A obra de Giuliani da Empoli coloca a tecnologia no centro das transformações sociais e políticas da atualidade. Infere que o fundamento de todas essas transformações são as insatisfações com regras impostas por estruturas caducas de controle social, que, ao invés de proporcionarem benefícios para indivíduos e sociedades, lhes impõe cerceamento de direitos, causando esse sentimento de ódio disseminado mundialmente e que está proporcionando a ruptura das estruturas sociais mais sólidas.

Os “engenheiros do caos” vêm nesse ódio narcisista a oportunidade de manipular pessoas e governos através da oferta de (des)informação. O paradoxo dessa manipulação se dá quando nota-se que os manipuladores não fazem parte da massa de manipulados, e que eles estão a serviço de interesses adversos. Basta, para isso, uma análise bem detalhada de toda trama da manipulação. Um ponto bem definido na leitura da obra, e que vai corroborar com o paradoxo acima, é que esse fenômeno não acontece localmente, pelo contrário, ele é mundial, com a ascensão de líderes, que, apesar de atitudes pouco democráticas, obtêm o apoio de parcela significativa da população de suas nações.

Outro ponto bem explícito no texto, demonstrado pelos vários protagonistas, é que, atualmente, política não combina com apatia, com discursos padronizados, com promessas a serem cumpridas. O movimento populista apela para as emoções, para os extremismos, para os discursos fortes e atitudes enérgicas, e acabam atraindo legiões de cidadãos que tem o mesmo pensamento e a mesma vontade de quebrar paradigmas sociais e políticos.

Por fim, destaca-se, no final do livro, “*Notas Bibliográficas*” ao invés das “*Referências Bibliográficas*”, o que não impede o leitor de buscar as citações de seu interesse. A leitura dessa obra é salutar, e bastante recomendada, para todos aqueles que buscam entender a espiral política pela qual as sociedades mundiais estão passando nesses últimos tempos.